



JUVENTUDES CONSERVADORAS: análise a partir das clivagens sociais do gênero, raça, classe e religião

Rogério de Oliveira Araújo¹
Olivia Cristina Perez²

Resumo

A presente pesquisa analisa em que medida o conservadorismo se apresenta nas juventudes a partir das clivagens sociais do gênero, raça, classe social e religião. Utiliza metodologia quantitativa a partir de análise estatística descritiva de dados do banco Estudo eleitor. Categoriza os jovens de acordo com a raça, gênero, classe social e religião. Além disso, classifica-os em progressistas e conservadores considerando o seu posicionamento ideológico e apoio a descriminalização do aborto. Essas classificações foram cruzadas de modo a relacionar o conservadorismo com as clivagens sociais. Como resultados, (constatamos) constata a maior presença de conservadores entre os jovens homens, pretos e pardos, bem como maior percentual de progressistas entre as jovens mulheres. O conservadorismo também se mostrou mais forte entre os jovens cristãos, especialmente os evangélicos, enquanto os progressistas encontram maior presença nas religiões de matriz africana e entre os ateus. Os resultados destacaram ainda a força do conservadorismo mesmo entre os jovens das camadas populares, evidenciando que esse estilo de pensamento possui grande influência na forma como os atores compreendem as estruturas sociais e políticas.

Palavras-chave: Juventudes; conservadores; progressistas; clivagens sociais.

CONSERVATIVE YOUTHS: analysis based on the social cleavages of gender, race, class, and religion

Abstract

This research analyzes the extent to which conservatism manifests among youth based on the social cleavages of gender, race, social class, and religion. A quantitative methodology was employed through descriptive statistical analysis of data from the 2022 wave of the Brazilian Electoral Study (ESEB), considering individuals aged 16 to 29 as youth. Young respondents were categorized according to race, gender, social class, and religion. Additionally, they were classified as either progressive or conservative based on their ideological orientation and stance on the decriminalization of abortion. These classifications were cross-tabulated to examine the relationship between conservatism and social cleavages. The results indicate a higher prevalence of conservative attitudes among young men, as well as among Black and Brown youth, while progressive positions were more common among young women. Conservatism was also more pronounced among Christian youth, particularly Evangelicals, whereas progressive views were more prevalent among followers of Afro-Brazilian religions and atheists. Furthermore, the findings reveal the strong presence of conservatism even among youth from lower socioeconomic strata, underscoring the significant influence of this worldview on how young actors perceive social and political structures.

Keywords: Youths; conservatives; progressives; social cleavages.

Artigo recebido em: 05/10/2024 Aprovado em: 30/04/2025
DOI: <https://dx.doi.org/10.18764/2178-2865v29n1.2025.8>

¹ Graduação em Ciências Sociais. Doutorando em Políticas Públicas (UFPI). Mestrado em Ciência Política (UFPI). E-mail: rogeroliveira373@outlook.com.

² Doutorado em Ciência Política (USP). Professora nos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Ciência Política (UFPI). E-mail: oliviaperez@ufpi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

As eleições nacionais de 2022 no Brasil evidenciaram a força política da extrema-direita brasileira resultando em uma das disputas mais acirradas do Nova República (Santos; Fachin, 2022). Mesmo com a derrota de Jair Bolsonaro, o congresso nacional eleito em 2022 é um dos mais conservadores da história. A última eleição também impressionou pela eleição de jovens como Nikolas Ferreira, o deputado mais votado no último pleito, somando 1,47 milhões de votos, tendo uma campanha pautada no conservadorismo (G1, 2022). Nesse contexto, a presente pesquisa analisa o conservadorismo entre os jovens destacando como ele se apresenta a partir das clivagens sociais do gênero, raça, classe e religião.

A juventude enquanto temática de estudo foi inicialmente compreendida a partir do seu potencial progressista e revolucionário. Alguns autores, a exemplo de Melucci (2001), chegam a pontuar que a juventude se constitui em termômetro das mudanças sociais, contribuindo assim para a percepção dos processos em andamento na sociedade. Entretanto, o campo de estudos sobre as juventudes tem evidenciado a pluralidade que estes atores englobam, desde a própria percepção do que é ser jovem até as suas expressões políticas e sociais. Assim, a concepção de juventudes e suas respectivas culturas juvenis são abordagens que têm ganhado espaço na literatura sobre jovens (Canclini, 2005; Pais, 2003).

Vommaro (2015) propõe o conceito de juventudes enquanto elemento dinâmico que precisa ser lido de modo relacional a partir de sua situação, uma vez que é demarcada por fatores sociais e culturais construídos ao longo da história.

Uma das formas de definição das juventudes leva em conta ao menos três elementos, sendo: idade, classe social e a geração (Margulis; Urresti, 2008). Ao elencar estes três fatores Margulis e Urresti (2008) destacam que a análise das juventudes não pode ser realizada a partir de critérios meramente etários, mas que precisam considerar as dinâmicas da classe social, que delimitam estilos de vida diferenciados e a própria passagem do tempo que implica na formação de gerações diferentes que experienciam acontecimentos e mudanças sociais de forma diversa de gerações anteriores. Adicionamos a essa delimitação a importância de considerar outros marcadores sociais, a exemplo de gênero, raça, sexualidade e região.

Essas clivagens sociais estão imbricadas ou interseccionadas. O termo interseccionalidade ganhou popularidade principalmente a partir da obra de Kimberlé Crenshaw (2002), na qual a autora explica que as mulheres estão sujeitas ao peso da discriminação de gênero, mas também a outros fatores relacionados às suas identidades sociais, como raça-cor e etnia. Essa intersecção de fatores produz diferenças na forma como cada grupo de mulheres vivencia a

discriminação. Tais clivagens sociais não são possíveis de hierarquização: é a interação delas que atuam na produção e manutenção das desigualdades (Crenshaw, 2002).

A análise e a militância articulada em torno de clivagens sociais como raça, classe e gênero não são novidade no debate acadêmico; ao longo do século XX, feministas e militantes negras como Angela Davis, Lélia Gonzalez, Bel hooks e Patrícia Collins já apontavam para o modo como gênero, raça e classe social se traduzem em desigualdades. Apenas para citar o caso brasileiro, a professora e ativista Lélia Gonzalez já discutia, em meados dos anos de 1980, o entrelaçamento de clivagens sociais (como gênero e raça), mais tarde desenvolvido sob o conceito de interseccionalidade (Oliveira, 2020). Sueli Carneiro usa o conceito de interseccionalidade para analisar como o racismo se entrelaça com outras formas de opressão, como o sexismo e a classe social. Ela enfatiza a importância de abordagens que considerem múltiplas dimensões da identidade para entender as experiências de discriminação (Carneiro, 2005).

Partindo desses ensinamentos, o presente estudo tem como objetivo a análise do comportamento político das juventudes, considerando como as clivagens sociais se relacionam com as dinâmicas do conservadorismo. Desse modo, esta pesquisa (apresenta) contribui para o campo das juventudes na esfera da política ao se voltar para o conservadorismo, comumente atrelado aos adultos.

Os estudos recentes sobre juventudes têm versado sobre a rejeição dos jovens aos canais institucionais de participação, evidenciando a falta de identificação deles com esses espaços, que não raro se constituem em estruturas hierárquicas, pouco democráticas e adultocêntricas (Araújo; Perez, 2021, 2025; Santos, Cristiano Lange dos; Schmidt, 2023). Araújo e Perez (2025) destacam como os partidos políticos e as instituições políticas, de um modo geral, são vistos com desconfiança pelos jovens que acabam se voltando para outras formas de organização e atuação política.

Embora os canais institucionais se apresentem com estruturas pouco atrativas ou até excludentes para os jovens, isso não significa que eles não estejam se engajando em outras formas de organização e atuação política. Sob essa perspectiva, estudos têm destacado como os jovens têm se organizado em novas formas de movimento social, com características mais democráticas segundo eles (Perez, Olívia Cristina, 2019; Perez, Olívia Cristina; Souza, 2020).

Ainda dentro do campo de reflexões do comportamento político das juventudes, têm ganhado destaque alguns posicionamentos mais conservadores por parte das juventudes. No contexto brasileiro, o conservadorismo é compreendido pela rejeição ao comunismo, apego a uma visão de mundo pautada na religiosidade cristã incidindo na defesa e manutenção de pautas morais vistas como elementos da ordem natural do mundo (Lynch, 2017).

Os estudos mostram o avanço do conservadorismo entre os jovens, que se expressa com força nas redes sociais e nos ambientes escolares (Amaral; Castro, 2020; Moura; Silva, 2023; Severo

et al., 2021; Severo; Gonçalves, 2020). Tais posicionamentos teriam relação com o tempo histórico atual, marcado pela ascensão da extrema-direita (Weller; Bassalo, 2020; Severo; Weller; Araujo, 2021). Assim, o controle curricular e o crescimento de movimentos como “Escola Sem Partido” são exemplos da ascensão do conservadorismo nos ambientes juvenis.

O conservadorismo se constitui ainda em uma ideologia que se conecta com a dinâmica neoliberal, ambos se retroalimentando num processo que se pode denominar de confluência perversa (Dagnino, 2004). Essa relação entre conservadorismo e capitalismo neoliberal pode ser compreendida na perspectiva naturalizante da ordem social que ambos se propõem. De um lado temos o neoliberalismo que prega a competição, a meritocracia e a compreensão do Estado enquanto mais uma empresa que deve trabalhar pela garantia a “livre iniciativa” (Dardot; Laval, 2016). Do outro lado há o conservadorismo que compreende as desigualdades como algo necessário para manter a ordem social, numa ótica determinista e teleológica que procura suprimir o conflito social através da aceitação da ordem pré-estabelecida enquanto ditame divino (Mercadante, 1980).

A partir dessa conjuntura, a presente pesquisa se propõe a contribuir com o campo de estudos das juventudes ao analisar o seu comportamento político conservador. O problema de pesquisa que mobiliza este estudo pode ser sintetizado na seguinte questão: em que medida os jovens expressam conservadorismo a partir das clivagens sociais do sexo, raça, classe social e religião? Assumimos como pressuposto que as clivagens sociais evidenciam diferença na expressão do conservadorismo, destacando-se homens e cristãos como mais conservadores.

Para os fins deste estudo utilizamos metodologia quantitativa a partir de análise estatística descritiva. Consideramos para isso o banco de dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) do ano de 2022. Adotamos este banco de dados uma vez que é um survey nacional realizado periodicamente desde 2002 nas eleições federais, constituindo um apanhado da cultura política e preferências eleitorais dos brasileiros (CESOP Centro de Estudos de Opinião Pública, 2023). A amostra que utilizamos neste estudo compreende 535 jovens de 16 a 29 anos.

A partir desse banco de dados tomamos as variáveis sexo, raça, classe social e religião. Para delimitar a variável raça utilizamos a autoidentificação dos entrevistados a partir das categorias propostas segundo o IBGE; assim, temos na pesquisa as categorias preto, pardo e branco, demais identificações raciais não foram consideradas tendo em vista o N muito baixo. Em relação à religião foram categorizados católicos, evangélicos, religiões de matriz africana, sem religião e ateus, demais religiões foram desconsideradas pelo número reduzido de respondentes. Por fim, a classe social foi categorizada em três níveis, sendo Classe alta aqueles com renda familiar maior que R\$ 17.434; Classe média, renda entre R\$ 2.674 até R\$17.434 e; Classe baixa, renda familiar menor que R\$.2.674,

essa delimitação considerou critérios de renda da Abep (Associação Brasileira de Empresa e Pesquisa) (Gasparin, 2013).

Uma vez delimitada essas variáveis e cientes da importância de considerar a interseccionalidade, agregamos as clivagens sociais do sexo, raça e classe social de modo a constituir as categorias: homem preto, pardo e branco das classes alta, média e baixa e; mulher preta, parda e branca das classes alta, média e baixa. A categoria religião foi trabalhada separadamente. Desse modo, relacionamos essas clivagens sociais e a confissão religiosa com as categorias conservador e progressista.

Nessa pesquisa, por conservador compreendemos aqueles indivíduos que se autodeclararam de direita e se posicionam contra a legalização do aborto; já os progressistas são formados pelos jovens que se identificam à esquerda e apoiam em todo ou em parte a legalização do aborto. Esse recorte foi delimitado considerando os pressupostos teóricos que associam o conservadorismo às pessoas vinculadas à direita e o progressismo àqueles próximos ideologicamente da esquerda; o aborto foi tomado como variável de filtro dos conservadores e progressistas na medida em que é uma das pautas morais centrais do Brasil e serve como baliza para distinguir os indivíduos que são de direita liberal e esquerda tradicionalista dos realmente conservadores (Bolognesi; Ribeiro; Codato, 2022; Rocha, 2020).

A pesquisa está dividida em mais duas seções seguidas da conclusão. Na primeira realizamos uma síntese teórica sobre o conservadorismo enquanto elemento ideológico da extrema-direita; a seguir nos concentramos na descrição e análise dos resultados da pesquisa, destacando como o conservadorismo se manifesta em cada categoria. Por fim, realizamos nossa conclusão sintetizando os achados da pesquisa e ressaltando novas agendas de pesquisa que ficam em aberto.

2 CONSERVADORISMO COMO ESTILO DE PENSAMENTO DA EXTREMA-DIREITA

A divisão ideológica entre esquerda e direita movimentou o debate político desde a Revolução Francesa, na qual essa distinção passou a ser utilizada para delimitar os políticos que pautavam em defesa da classe trabalhadora e aqueles que representavam a elite burguesa respectivamente (Hobsbawm, 2003). Com o passar do tempo o embate entre esses campos ideológicos promoveu o surgimento de outros conceitos para delimitar as nuances dentro de uma mesma corrente ideológica. Emerge, assim, a figura dos extremos políticos, nos quais os comunistas e anarquistas que pregam o fim do Estado estariam situados na extrema-esquerda e os fascistas sob o signo do conservadorismo na extrema-direita (Bobbio, 1995; Bolognesi; Ribeiro; Codato, 2022).

O conservadorismo se manifesta dessa forma como a bandeira filosófica e de estilo de vida da extrema-direita. Importa considerar que o conservadorismo não pode ser lido como uma ideologia estanque. No contexto do século XX o conservadorismo esteve muitas vezes associado ao nacionalismo extremado, a exemplo do que ocorreu nas guerras mundiais (Hobsbawm, 1995). Na contemporaneidade ele se apresenta mais próximo das dinâmicas do neoliberalismo e sua lógica que naturaliza a competitividade o individualismo bem como a concepção do cidadão como empreendedor de si mesmo (Dardot; Laval, 2016).

De modo a dar suporte analítico a este estudo, utilizamos como referencial sobre conservadorismo as perspectivas da teoria mannheimniana. Karl Mannheim (1986), destaca que o conservadorismo precisa ser analisado sob a ótica de um estilo de pensamento que só pode ser aferido quando considerados os contextos históricos de cada época, assim como os grupos ou classes sociais que mais apresentam esse estilo de pensamento. Para Mannheim (1986) o conservadorismo precisa ser diferenciado de um hábito ou mesmo do que ele denomina como tradicionalismo.

Haveria, segundo Mannheim (1986), dois tipos de conservadorismo. O primeiro seria a tendência “natural” dos indivíduos de se inclinar a determinados padrões de comportamentos que fazem os atores sociais resistirem às mudanças; para esse fenômeno ele deu o nome de tradicionalismo. Assim, independente do espectro ideológico teríamos pessoas tradicionalistas, uma vez que mesmo aqueles indivíduos mais arrojados diante das mudanças possuem apego a algum comportamento social (Mannheim, 1986).

Em outro aspecto, o conservadorismo propriamente dito seria demarcado por algo mais que resistência às mudanças. Mannheim (1986) salienta que o conservadorismo é “consciente e reflexivo” na medida em que ele se apresenta como contramovimento organizado. Mannheim (1986, p.123) destaca ainda que “o progressista considera o presente como o começo do futuro, enquanto o conservador o vê simplesmente como o último ponto alcançado pelo passado”. Essa leitura se coaduna com a síntese que Lynch (2017) faz da teoria conservadora de Edmund Burke, pois segundo ele, o conservadorismo estaria pautado: no controle da mudança; na crença de uma ordem social independente, divina e; num sistema teórico que reflete em negativo o adversário.

Dombrowski (2020) reforça esse aspecto do determinismo metafísico, espiritual defendido pelo conservadorismo. Desse modo, todo movimento de mudança pautado na separação entre Estado e religião é encarado com suspeita e rejeição pelo conservadorismo, que compreende a ordem estabelecida como inevitável e divina. Por isso mesmo o conservadorismo se fez sentir inicialmente enquanto ideologia política quando da ascensão do Iluminismo e sua conseqüente crítica ao argumento de autoridade da Igreja e do Estado (Dombrowski, 2020).

Além disso, ao analisar o argumento conservador, uma das perspectivas defendidas por esse estilo de pensamento é a naturalização das desigualdades sociais e sua tendência antidemocrática (Kless, 2020). Um dos grandes referenciais teóricos do conservadorismo Edmund Burke (1982), ao analisar as consequências da Revolução Francesa, destacava o absurdo que seria confiar o governo à massa do então 3º Estado, que para ele não tinha as características necessárias (mérito intelectual e econômico) para gerir a nação.

Segundo Kless (2020), o elemento central que distingue os progressistas dos conservadores se dá justamente na sua percepção sobre a causa e o papel das desigualdades sociais nas sociedades. Dessa forma, enquanto conservadores consideram as desigualdades como um dado natural ao qual não cabe intervenção do Estado para sua minimização, os progressistas encaram as desigualdades como falha sistêmica, atualmente reforçada pelas dinâmicas do neoliberalismo.

É justamente a partir dessa concepção naturalizante das desigualdades sociais que o conservadorismo tem se agregado aos ditames do neoliberalismo constituindo-se em agendas que têm se desenvolvido em consonância. Diferente do liberalismo clássico, que carrega uma marca de progressismo, principalmente em sua vertente política, o neoliberalismo é mais plástico, não se limita à mera redução do Estado diante da promoção de políticas públicas, mas o coopta na perspectiva de que este se torne um dos agentes do capital ao estilo empresarial (Dardot; Laval, 2016).

No contexto brasileiro, o conservadorismo se conecta ainda com a tendência conciliadora, eclética, da cultura política nacional, fortemente balizada pelo cristianismo. Segundo Mercadante (1980) a trajetória da política nacional é perpassada por diversos momentos históricos no qual a dinâmica da conciliação impediu que movimentos revolucionários ocorressem e efetivassem mudanças estruturais na política nacional, a exemplo da Proclamação da República e do processo de saída da Ditadura Militar nos anos de 1980. Este último selado pela lei da anistia e consequente perdão dos crimes cometidos na ditadura (Schwarcz; Starling, 2015).

Entretanto, com o fim da ditadura militar, o campo da direita passou mais de uma década sob a marca da desconfiança, de modo que os movimentos sociais e partidos políticos à esquerda conseguiram ganhar espaço a partir da memória de sua luta pela redemocratização do país. Esse contexto histórico é o que permitirá posteriormente a ascensão do Partidos dos Trabalhadores ao poder e o consequente avanço de políticas de redistribuição de renda, bem como a entrada de lideranças de movimentos sociais na esfera da política institucional (Ribeiro, 2024).

Com o decorrer do período em que o PT esteve à frente do governo federal, o conservadorismo passou a se fortalecer compreendendo o que Mannheim (1986) já anunciava em sua construção teórica, o conservadorismo enquanto uma reação extremada diante do avanço da agenda progressista que ameaça o *status quo*. Assim, o aumento da identificação ideológica no campo da

direita pode ser lido a partir dessa reação em relação a mudanças promovidas pelas políticas de redistribuição de renda e principalmente pela maior visibilidade da agenda de direitos das minorias.

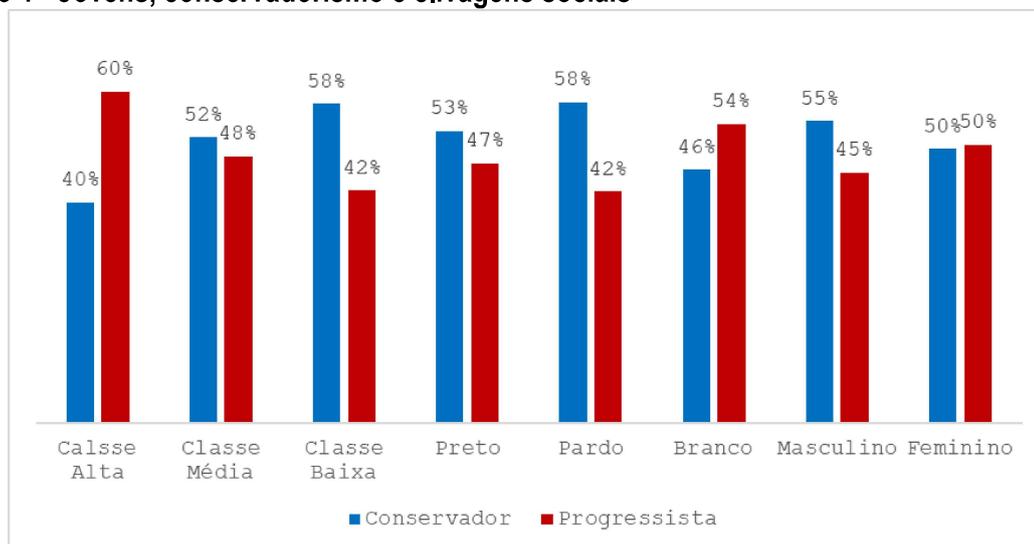
A chegada ao poder de Jair Messias Bolsonaro em 2018 se constituiu como o ponto alto do avanço do conservadorismo nas primeiras décadas do século XXI. Arregimentando uma retórica que remonta à extrema-direita histórica do século XX, com o nacionalismo extremado e xenofóbico associado à religiosidade fundamentalista, Bolsonaro se tornou um símbolo para o conservadorismo brasileiro cristalizando o apoio de parcela considerável da população (Narcizo, 2021).

Além disso, durante seu governo o Brasil passou por uma fase econômica que muitos autores denominam como ultraneoliberal (Raichelis; Paz; Wanderley, 2022). Este conceito remete à percepção de que o conservadorismo e o neoliberalismo continuam em relação simbiótica alimentando a perspectiva de uma realidade social que é estruturada por ditames divinos no qual apenas o mérito individual existe. Mesmo com a derrota de Bolsonaro em 2022 para o então candidato e atual presidente Lula, a diferença mínima de votos entre ambos demonstrou o poder do conservadorismo sobre o comportamento político da população.

3 CONSERVADORISMO A PARTIR DAS CLIVAGENS SOCIAIS: sexo, raça, classe e religião

As clivagens sociais são fatores que evidenciam condições de vida e delimitam vivências sociais distintas entre os atores sociais. Considerando esse pressuposto, em vista de atingir o objetivo de nossa pesquisa, apresentamos no Gráfico 1 como o conservadorismo se manifesta segundo os marcadores sociais da classe, raça e sexo. Assim, consideramos inicialmente essas clivagens de forma separada para comparar como o conservadorismo se comporta em relação a cada categoria.

Gráfico 1 - Jovens, conservadorismo e clivagens sociais



Fonte: elaboração dos autores com base no ESEB 2022.

No Gráfico 1 temos o conservadorismo disposto em relação as clivagens sociais da classe social, raça e sexo de maneira desagregada. Especificamente sobre a classe, temos na classe alta um maior percentual de progressistas (60%) que conservadores (40%), na classe média o conservadorismo já ultrapassa os progressistas sendo 52% ante 48%, e a classe baixa evidencia a maior diferença entre os grupos econômicos, com 58% de conservadores e 42% de progressistas.

Em relação à raça temos os jovens pretos com 53% de conservadores e 47% de progressistas, os pardos com 58% e 42% de conservadores e progressistas respectivamente, já entre os jovens brancos os progressistas são maioria, somando 54%, enquanto conservadores totalizam 46%. Por fim, na clivagem de gênero, temos os homens jovens com 55% de conservadores e 45% de progressistas e as mulheres com 50% cada.

Esse dado inicial vai de encontro à concepção da juventude como essencialmente revolucionária. Como observado, em interface com as clivagens sociais, o conservadorismo supera os progressistas na maioria das categorias, o que implica a relevância de analisar as juventudes sob o cuidado de não homogeneizar atores tão plurais. Além disso, o Gráfico 1 reforça o quanto o conservadorismo assume importância na cultura política dos jovens, manifestando-se não apenas na arena das decisões eleitorais, mas também nos seus repertórios de ação coletiva, como destacam outros estudos (Severo; Barcellos; Gomes, 2023; Weller; Bassalo, 2020).

Considerando o dado que apresenta os jovens de classe alta com maior percentual de progressistas (60%) em comparação ao de conservadores (40%), cabe analisar as possibilidades que explicam esse resultado. À primeira vista é esperado que os indivíduos de classe alta sejam mais conservadores, uma vez que o conservadorismo pauta uma defesa do *status quo* e normalização das desigualdades sociais e econômicas (Kless, 2020).

Entretanto, essa concepção ignora a distinção essencial que é preciso realizar entre o liberalismo econômico, e sua nova roupagem denominada neoliberalismo, do conservadorismo. Como ressalta Dombrowski (2020), o conservadorismo surge como uma reação ao próprio liberalismo no século das luzes; desse modo, os princípios encabeçados pela burguesia nem sempre se alinham com os pressupostos do conservadorismo. Assim, o fato de os jovens das classes mais abastadas apresentarem uma percepção mais progressista pode ser compreendida na medida em que o conservadorismo nem sempre contribui com os ganhos da burguesia, mas contrariamente, pode ocasionar dificuldades e prejuízos para esse grupo.

Nesse aspecto, o maior percentual de conservadores entre os jovens da classe baixa denota que o conservadorismo está arraigado principalmente pelo seu viés de rejeição à mudança, principalmente em períodos de instabilidade social. Como afirma Dombrowski (2020), o

conservadorismo em períodos de crise tende a levar os indivíduos a se inclinar a estruturas e promessas de estabilidade, o que comumente se conecta a uma valorização do passado.

Observando os resultados nas categorias raciais temos uma maior presença de conservadores entre os jovens pretos e pardos, enquanto os brancos expressaram maior propensão ao progressismo. Novamente esse dado nos remete à perspectiva que difere conservadorismo de liberalismo. Clivagens demarcadas pelo privilégio como a dos brancos no contexto brasileiro tendem a se aproximar mais dos pressupostos meritocráticos e da livre iniciativa proposto pelo liberalismo e neoliberalismo.

Os dados destacam a presença do conservadorismo entre os jovens, manifestando-se de diversas formas. O fato de o conservadorismo ser mais forte entre jovens pretos e pardos aponta para o desafio de superação das desigualdades sociais no Brasil. Uma vez que o conservadorismo tende a naturalizar a ordem social, encontrar maior percentual de conservadores entre os indivíduos que sofrem dos processos de exclusão social implica em dificuldades na capacidade de mobilização desses atores em busca da garantia de direitos e políticas públicas voltadas ao bem-estar social.

Pensando na questão de gênero os homens apresentam um percentual de 55% de conservadores e 45% de progressistas. Esse dado é um resultado esperado considerando que as estruturas sociais do ocidente são majoritariamente patriarcais o que implica um benefício geral para a masculinidade. Relacionando esse dado com os pressupostos do conservadorismo compreendemos o apoio dos homens a essa ideologia, uma vez que ela advoga que a realidade social advém de uma ordem extra-humana que deve ser mantida (Lynch, 2017).

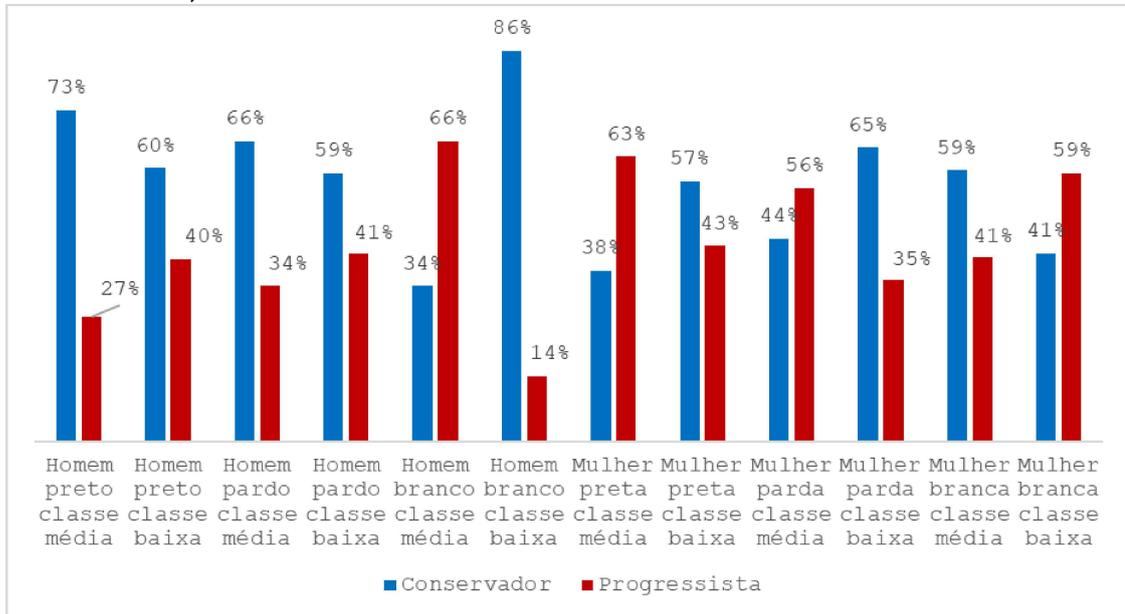
As mulheres, no entanto, apresentaram o resultado dividido, no qual 50% estão para o conservadorismo e a outra metade para o progressismo. Esse dado é interessante pois demonstra uma polarização entre as mulheres jovens, no sentido de apoiar ou não as mudanças sociais e as transformações das instituições. Além disso, a pauta que envolve a divisão entre conservadores e progressistas inclui debates que colocam a mulher e a sua liberdade individual no cerne da questão, a exemplo do debate sobre a legalização do aborto no Brasil.

De modo a avaliar melhor esses resultados consideramos as clivagens sociais conjuntamente em nosso segundo gráfico. Dessa forma, propomos uma visão interseccional da relação entre conservadorismo, raça, classe e gênero, assim como ensinam pensadoras centrais sobre o tema, como Lélia Gonzalez (1984).

Tendo em vista a subdivisão em 16 categorias de classe social excluímos a classe alta, uma vez que desagregados resultaram em um N baixo que poderia enviesar os resultados quando apresentados em percentual. Em números absolutos tivemos todos os jovens homens brancos de

classe alta como conservadores, bem como todos os jovens homens e mulheres pardos de classe alta como progressistas.

Gráfico 2 - Jovens, conservadorismo e interseccionalidade



Fonte: elaboração dos autores com base no ESEB 2022.

O Gráfico 2 ilustra a relação entre o conservadorismo e as clivagens sociais numa perspectiva interseccional. Desse modo, temos entre os homens jovens pretos de classe média 73% de conservadores e 27% de progressistas, sendo a maior diferença dentro da categoria dos jovens homens pretos. Dentro da categoria dos jovens homens pardos o conservadorismo também superou os progressistas em todas as variáveis. Já em relação aos jovens homens brancos temos uma grande diferença quando consideramos os de classe média e baixa, uma vez que os primeiros apresentam 66% de progressistas e somente 34% de conservadores (menor percentual em todas as categorias); e os de classe baixa 86% de conservadores, o maior percentual entre as categorias.

Considerando as mulheres em interseção com classe e raça temos preta, parda e branca, das classes média, média e baixa com 63%, 56% e 59% de jovens progressistas respectivamente. Desse modo, a categoria das mulheres é aquela com a maior presença de jovens progressistas. Apesar disso, as jovens pretas de classe baixa, parda de classe baixa e branca de classe média apresentaram maior presença de conservadoras do que progressistas.

Assim como no Gráfico 1, os homens, com exceção dos brancos de classe média, apresentaram mais conservadorismo que progressismo. O dado é ainda mais interessante quando consideramos que são os jovens homens pretos e pardos os que mais se posicionam sob o conservadorismo, isso tendo em vista que a preservação do *status quo* da sociedade brasileira é algo que numa primeira avaliação não parece beneficiar essa camada da população. Entretanto, importa

considerar que o conservadorismo não está conectado apenas com uma visão meritocrática e de manutenção das desigualdades econômicas. Nesse sentido, aos jovens homens pretos e pardos no contexto da sociedade brasileira o que se mantém com mais força é o privilégio da masculinidade, fator que é ameaçado pelas dinâmicas de mudança proposta pelo ideal progressista.

Analisando especificamente o jovem homem branco, temos como mais conservador entre todas as categorias o jovem branco de classe baixa e o único grupo masculino com maior presença de progressistas o jovem branco de classe média. Nesse ponto cabe ressaltar que a perspectiva anti-iluminista do conservadorismo vai de encontro a essa categoria que é classicamente na história brasileira aquela que mais acessa o ambiente universitário o qual promove um espaço de questionamento da ordem social e por consequência é propício ao progressismo.

Em relação às jovens mulheres temos um maior equilíbrio entre conservadores e progressistas. As mulheres pretas de classe média, pardas de classe média e brancas de classe baixa demonstram mais progressismo que as outras categorias. Retomando o pressuposto de que o conservadorismo pressupõe a manutenção das estruturas sociais, uma vez que essas são compreendidas como divinas, é compreensível que as mulheres tenham mais disposição ao progressismo que os homens, uma vez que o modelo de sociedade vigente tende a beneficiar mais os homens que as mulheres.

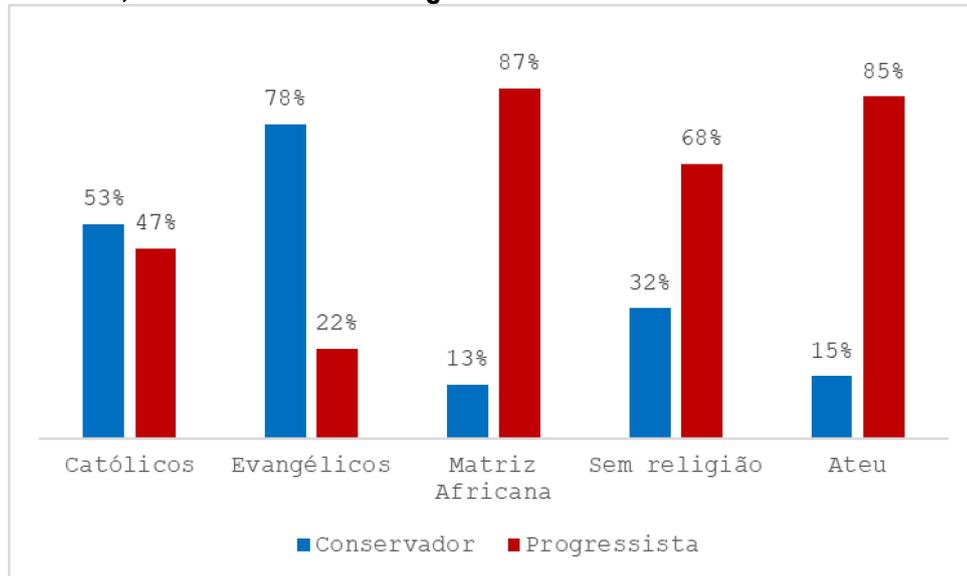
Os movimentos feministas que têm se desenvolvido nas últimas décadas com a organização de grandes mobilizações populares são um exemplo do caráter mais progressista das mulheres. Em 2018, diante do avanço da campanha conservadora de Bolsonaro, foram as mulheres que encabeçaram um dos maiores protestos contra o então candidato. Sob a *hashtag* #EleNão o protesto encabeçado pelas mulheres procurou alertar e evitar a eleição de Bolsonaro, considerando a ameaça que as suas promessas de campanha faziam em relação aos direitos sociais e políticos conquistados pelas mulheres nas últimas décadas (Perez, Olivia Cristina; Moura; Melo, 2023).

Interessa ainda observar que as jovens mulheres pretas e pardas são mais conservadoras nas classes baixas, enquanto as jovens brancas o são na classe média. Importa considerar que as classes baixas estejam imersas no conservadorismo uma vez que os espaços que estes grupos mais têm acesso são instituições que comumente reforçam princípios do conservadorismo, a exemplo das religiões cristãs. Em outra perspectiva, compreender melhor as diferenças entre mulheres negras e brancas quanto ao conservadorismo demanda uma abordagem de aprofundamento que está além dos métodos empregados neste artigo.

O Gráfico 3 apresenta o conservadorismo entre os jovens a partir da sua filiação religiosa. Essa variável foi considerada em nosso estudo tendo em vista a literatura afirmar amplamente a

relação entre religião e conservadorismo, desde as obras dos ideólogos do conservadorismo até as análises contemporâneas, a exemplo de Burke (1982) e Lynch (2017).

Gráfico 3 - Jovens, conservadorismo e religião



Fonte: elaboração dos autores com base no ESEB 2022.

No Gráfico 3 temos dispostas as religiões cristãs católica e agregamos as denominações evangélicas. Além disso, apresentamos as religiões de matriz africana reunindo umbanda e candomblé. Os jovens que acreditam em alguma perspectiva religiosa, mas não participam de nenhuma religião oficialmente, foram agregados como sem religião; e, por fim, aqueles que não possuem nenhuma crença religiosa ou espiritualista ficaram na categoria ateu.

Considerando as religiões cristãs, temos católicos com 53% de conservadores e 47% de progressistas. Os evangélicos demonstraram o maior percentual de conservadores somando 78% e apenas 22% de progressistas. Os jovens de matriz africana foram os que apresentaram maior percentual de progressistas (87%) ante 13% de conservadores. Por fim, os sem religião demonstraram 32% de conservadores e 68% de progressistas e os jovens ateus 15% de conservadores e 85% de progressistas.

Os dados sobre vinculação religiosa e conservadorismo se alinham às perspectivas apontadas pela literatura sobre conservadorismo. Uma vez que o conservadorismo se manifesta como estilo de pensamento que rejeita as mudanças e estabelece uma crença na ordem social como religiosamente condicionada, é esperado que a religião hegemônica seja aquela na qual a presença de conservadores seja mais sentida. O dado interessante é que, considerando o cristianismo no geral, o conservadorismo é amplamente disseminado, mas é especialmente forte nas denominações evangélicas. Nesse sentido, apesar da Igreja Católica ser a mais antiga, ela não é a principal catalizadora do conservadorismo entre os jovens.

Em parte, essa divisão entre os católicos pode ser lida a partir dos posicionamentos da própria hierarquia da Igreja, atualmente liderada por um papa latino-americano. Papa Francisco tem promovido intensos debates na Igreja, desde a discussão sobre a ordenação de homens casados para o sacerdócio até a benção e acolhida de homossexuais, o que tem gerado uma ampla divisão entre grupos conservadores e progressistas na Igreja Católica (Faggioli, 2023).

A forte presença de conservadores entre os evangélicos pode ser compreendida também através do reconhecimento do conservadorismo enquanto movimento de reação a mudanças e pautas progressistas. Como destaca Mannheim (1986), o conservadorismo se pauta de forma reativa quanto a rupturas nas crenças ou padrões sociais que são considerados sagrados para os indivíduos desse estilo de pensamento. Desse modo, a ascensão do conservadorismo entre os evangélicos está conectada com a perspectiva dessas igrejas de naturalizar as desigualdades sociais a partir de sua teologia da prosperidade e propor um retorno da ordem que para elas deve ser pautada nos ensinamentos bíblicos, o que nos remonta à perspectiva de Dombrowski (2020), ao enfatizar o caráter anti-iluminista do conservadorismo.

Considerando as demais religiões em nosso gráfico é esperado maior propensão ao progressismo nas religiões não hegemônicas, uma vez que estas têm procurado efetivar seu espaço em meio à sociedade brasileira, inclusive o próprio direito a não ter crença ou regras sociais impostas por crenças religiosas. Como destaca Mannheim (1986), o progressista vê o passado como um ponto de partida e não como o auge do desenvolvimento humano. Nesse sentido, o período de mudança, ruptura, instabilidade social surge como oportunidade para aqueles que não têm seu espaço garantido na sociedade.

Os dados evidenciam a ampla disseminação do conservadorismo como estilo de pensamento entre as juventudes. A partir das clivagens sociais emergem algumas questões que nos colocam diante da problemática do quanto essa ideologia implica sobre a promoção e garantia de direitos sociais. Ao observarmos como indivíduos que estão em uma condição de maior dificuldade diante das estruturas sociais hegemônicas se apegam ao estilo conservador, considerando a própria condição desigual como um dado imutável da realidade.

Considerando especificamente a força do conservadorismo entre os jovens pobres e negros, torna-se necessário avaliar com mais profundidade que fatores levam esses indivíduos a se inclinarem a formas de pensamento que individualizam a culpa de questões sociais. Se considerarmos a exemplo de Melucci (1994) que as juventudes costumam expressar antes das demais categorias ou caminhos pelos quais a sociedade tende a seguir, a presença majoritária do conservadorismo nas camadas populares representa uma dificuldade para projetos de Estado que procurem promover formas de combate às desigualdades sociais.

Ampliando essa análise, importa ainda considerar a força do viés religioso associado ao signo do conservadorismo. Em um país no qual o pensamento progressista está vinculado ao cristianismo católico e a religiões minoritárias, o crescimento do movimento evangélico e junto a ele o conservadorismo, expressa uma mudança de eixo que já se faz perceber nos próprios resultados eleitorais. Assim, a promoção de políticas públicas caminha na linha entre o embate e conciliação com a visão cristalizada da realidade alimentada pelo conservadorismo.

Compreender melhor como o conservadorismo se expressa e se estrutura é um desafio essencial para o campo do comportamento político e suas implicações na formulação de políticas públicas.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como o conservadorismo se expressa a partir das clivagens sociais do sexo, raça, classe social e religião entre jovens. Em vista disso, utilizamos metodologia quantitativa a partir de estatística descritiva, tendo como referência o banco de dados do ESEB do ano de 2022. Consideramos as variáveis de sexo (masculino e feminino), raça (preto, pardo e branco), classe social (alta, média e baixa) e religião (católico, evangélico, matriz-africana, sem religião e ateu). Todas as variáveis foram relacionadas com as categorias de conservadorismo e progressismo, compreendidas a partir da autoidentificação ideológica à direita ou à esquerda e pelo apoio ou não à legalização do aborto.

Os resultados evidenciaram que as clivagens sociais são importantes para demarcar diferenças na expressão do conservadorismo entre os jovens e em especial ao se considerar a interseccionalidade delas. Tanto a dinâmica da classe, da raça quanto do gênero incidiram no percentual de conservadores. Separadamente as clivagens sociais da classe e raça foram as mais expressivas quanto à diferença entre conservadores e progressistas. Em relação ao gênero, as mulheres evidenciaram uma polarização quanto ao posicionamento entre conservadoras e progressistas, estando 50% em cada categoria.

Agregados às clivagens sociais numa perspectiva interseccional, os resultados destacaram maiores diferenças entre conservadores e progressistas, evidenciando como os diversos marcadores sociais conjuntamente intensificam os posicionamentos político ideológicos dos atores jovens. Nesse sentido, a pesquisa evidenciou maior presença de conservadores entre os homens, especialmente os jovens pretos de classe média e os brancos de classe baixa.

Considerando as mulheres, a pesquisa destacou que estas são as que mais se aproximam da perspectiva progressista, em especial as jovens pretas e pardas de classe média e as

brancas de classe baixa. Já as jovens pretas e pardas de classe baixa, e as brancas de classe média se posicionaram no conservadorismo. Esses dados destacam, assim, a influência das clivagens do gênero sobre a expressão do conservadorismo, bem como as condições de cada classe social.

Por fim, como esperado a partir da literatura sobre conservadorismo, as religiões de caráter cristão foram as que mais se posicionaram como conservadoras, com destaque para o agregado que forma os evangélicos no Brasil. As religiões não hegemônicas, a exemplo das de matriz-africana, expressaram ampla identificação com o progressismo. Os jovens sem religião também evidenciaram maior presença entre os progressistas, bem como os jovens ateus.

A pesquisa evidenciou ainda como o neoliberalismo e o conservadorismo se apoiam mutuamente na perspectiva de manter o *status quo* das elites. Nesse sentido, as juventudes se veem imersas na retórica neoliberal que promove o conservadorismo ao naturalizar as desigualdades sociais e coloca sobre o indivíduo o peso da construção da própria realidade social, ignorando como o modo de funcionamento do sistema capitalista incide sobre a vida dos indivíduos.

Esta pesquisa destacou em que medida as clivagens sociais incidem sobre o posicionamento progressista ou conservador dos jovens, contribuindo para a percepção de como as clivagens sociais, separadamente e em intersecção, contribuem para o posicionamento político-ideológico dos atores jovens. Longe de encerrar a discussão, a pesquisa deixa em aberto um amplo campo de análises, dos quais destacamos a necessidade de aprofundamentos de caráter qualitativo que deem conta dos detalhes que diferenciam o posicionamento político expresso neste estudo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Daniela Patti do; CASTRO, Marcela Moraes de. Educação moral e cívica: a retomada da obrigatoriedade pela agenda conservadora. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, p. 1078–1096, 30 nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/198053147129>.

ARAÚJO, Rogério de Oliveira; PEREZ, Olívia Cristina. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 50, p. 327–349, 2021. <https://doi.org/10.52780/res.14764>.

ARAÚJO, Rogério de Oliveira; PEREZ, Olívia Cristina. Diferenças no antipartidarismo entre jovens estudantes, jovens solteiros e jovens adultos. **Pro-Posições**, v. 36, p. 1–20, 3 mar. 2025. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2024-0049BR>.

BOBBIO, Norberto. **Esquerda e direita**: razões e significados de uma distinção. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1995.

BOLOGNESI, Bruno; RIBEIRO, Ednaldo; CODATO, Adriano. Uma Nova Classificação Ideológica dos Partidos Políticos Brasileiros. **Dados**, v. 66, p. e20210164, 9 set. 2022. <https://doi.org/10.1590/dados.2023.66.2.303>.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: ED UFRJ, 2005.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 5 out. 2024.

CESOP. CENTRO DE ESTUDOS DE OPINIÃO PÚBLICA. 2023. Disponível em: <https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb/ondas/11>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 171–188, jan. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.

DAGNINO, Evelina. Artigo: Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa. **Política & Sociedade**, v. 3, n. 5, p. 139–164, 1 jan. 2004. <https://doi.org/10.5007/%x>.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DOMBROWSKI, Osmir. Conservador nos costumes e liberal na economia: liberdade, igualdade e democracia em Burke, Oakeshott e Hayek. **Revista Katálysis**, v. 23, p. 223–234, 1 jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p223>.

FAGGIOLI, Massimo. A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas. Conferência de Massimo Faggioli. 2023. **Instituto Humanitas Unisinos**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/633455-a-opcao-francisco-e-a-reforma-da-igreja-desafios-e-perspectivas-conferencia-de-massimo-faggioli>. Acesso em: 10 mar. 2024.

G1. Quem é Nikolas Ferreira (PL), o deputado federal mais votado do Brasil e da história de Minas Gerais. 3 out. 2022. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/quem-e-nikolas-ferreira-pl-o-deputado-federal-mais-votado-do-brasil-e-da-historia-de-minas-gerais.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GASPARIN, Gabriela. Veja diferenças entre definições de classes sociais no Brasil. 20 ago. 2013. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2013/08/veja-diferencas-entre-conceitos-que-definem-classes-sociais-no-brasil.html>. Acesso em: 9 jan. 2024.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KLESS, Steven J. **The Conscience of a Progressive**. Alresford: Zero Books, 2020.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Conservadorismo caleidoscópico: Edmund Burke e o pensamento político do Brasil oitocentista. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 313–362, abr. 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-313362/100>.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. *In*: MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Edit. Biblos, 2008. p. 241–241.

MARIN, Thais Rodrigues. A Consciência de um Progressista. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 38, n. 1, 2022. DOI 10.21573/vol38n002022.113967. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2447-41932022000100301&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 7 mar. 2024.

MERCADANTE, Paulo. **A Consciência conservadora no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MOURA, Claudia Helena Gonçalves; SILVA, Pedro Fernando da. Escola sem Partido e Conservadorismo Moral: Instrumentalização da Religião, Sexualidade e Gênero. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e250951, 30 jun. 2023. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003250951>.

NARCIZO, Makchwell Coimbra. Jair Bolsonaro no universo da extrema direita. **Revista Caliandra**, [s. l.], v. 1, p. 51–67, 20 set. 2021.

OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil. **INTERRITÓRIOS**, v. 6, n. 10, p. 89, 14 abr. 2020. <https://doi.org/10.33052/inter.v6i10.244895>.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PEREZ, Olívia Cristina. Relação entre coletivos e as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, v. 25, n. 3, p. 577–596, 2019.

PEREZ, Olivia Cristina; MOURA, Joana Tereza Vaz de; MELO, Caroline Bandeira de Brito. Protests for Women's Rights and against the Bolsonaro Administration. **Latin American Perspectives**, v. 50, n. 1, p. 165–178, 1 jan. 2023. <https://doi.org/10.1177/0094582X221150442>.

PEREZ, Olívia Cristina; SOUZA, Bruno Mello. Coletivos universitários e o discurso de afastamento da política parlamentar. **Educação e Pesquisa**, v. 1, p. 1–19, 2020.

RAICHELIS, Raquel; PAZ, Rosangela Dias O. da; WANDERLEY, Mariangela Belfiore. A erosão dos direitos humanos e sociais no capitalismo ultraneoliberal. **Serviço Social & Sociedade**, p. 05–11, 10 jan. 2022. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.267>.

RIBEIRO, Gustavo César M. De volta ao lulismo:: avaliação pessoal e classes sociais. **Revista Debates**, v. 18, n. 1, p. 111–130, 5 jun. 2024. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.131765>.

ROCHA, Camila. Cristianismo ou conservadorismo? O caso do movimento anti-aborto no Brasil. **Revista TOMO**, n. 36, p. 43–77, 1 fev. 2020. <https://doi.org/10.21669/tomo.vi36.12777>.

SANTOS, Cristiano Lange dos; SCHMIDT, João Pedro. Juventudes, eleições e partidos políticos: : sub-representação de jovens nas eleições de 2010, 2014 e 2018. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)**, v. 11, n. 1, p. 128–151, 5 jul. 2023. <https://doi.org/10.25245/rdspp.v11i1.1223>.

SANTOS, João Vitor; FACHIN, Patrícia. Eleições 2022: Uma maioria democrática e uma direita forte e resiliente. Algumas análises. 2022. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159->

entrevistas/622664-eleicoes-2022-uma-maioria-democratica-e-uma-direita-forte-e-resiliente-algumas-analises. Acesso em: 7 mar. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

SEVERO, Ricardo Gonçalves; BARCELLOS, Sérgio Botton; GOMES, Simone da Silva Ribeiro. Confiança e socialização política nas mídias digitais perspectiva de jovens no ensino médio do Rio Grande do Sul. **Revista Diálogo Educacional**, v. 23, n. 76, p. 493–514, jan. 2023. <https://doi.org/10.7213/1981-416x.23.076.ao01>.

SEVERO, Ricardo Gonçalves; GONÇALVES, Leonardo Dorneles. Ofensiva conservadora: a busca da anulação da participação de jovens na vida pública via desconstrução da escola como agente socializador. **Educere et Educare**, 18 out. 2020. DOI 10.17648/educare.v15i36.19603. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/19603>. Acesso em: 8 out. 2023.

SEVERO, Ricardo Gonçalves; WELLER, Wivian; ARAÚJO, Gabrielle Caseira; SEVERO, Ricardo Gonçalves; WELLER, Wivian; ARAÚJO, Gabrielle Caseira. Jovens de direita no ensino médio: marcadores de um estilo de pensamento. **Linhas Críticas**, v. 27, 2021. DOI 10.26512/lc27202136319. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-04312021000100614&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 nov. 2023.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia De Moraes Braga. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. **Estudos Avançados**, v. 34, p. 391–408, 10 jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.023>.